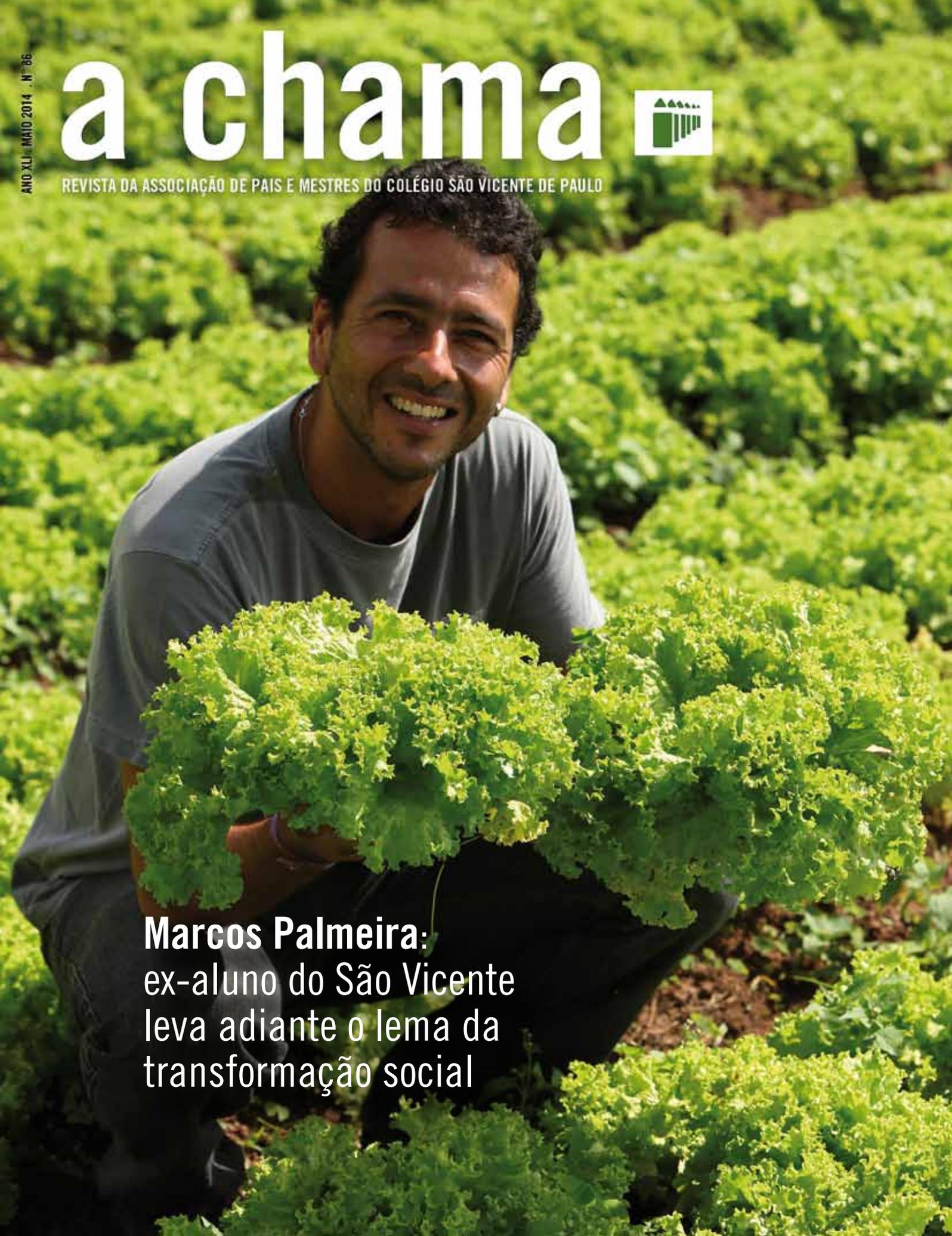


a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

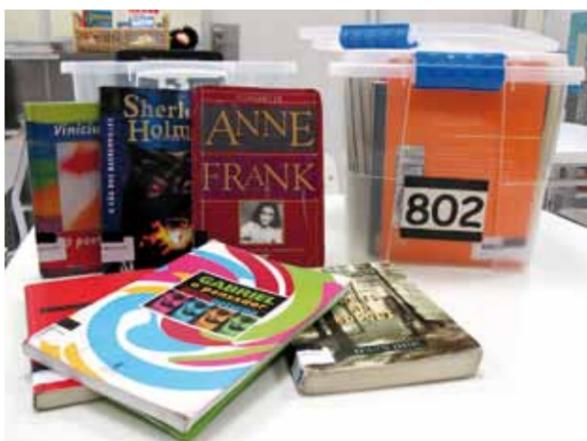


Marcos Palmeira:
ex-aluno do São Vicente
leva adiante o lema da
transformação social

Você sabia que a Ciranda de Livros é patrocinada pela Associação de Pais e Mestres?

Este é um projeto realizado pelos Professores de Língua Portuguesa e pela Biblioteca e tem como objetivo principal o incentivo à leitura.

Cada turma possui uma caixa de Ciranda com diferentes títulos e gêneros literários. Periodicamente são realizadas atividades na Biblioteca e em Sala de Aula onde os Alunos podem trocar experiências de leitura.



CAPA: FOTO MANOEL MARQUES



a chama

Ano XLI Nº 86
Maio/2014

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Padre Agnaldo Aparecido de Paula e Tulio Vasconcellos

Reportagem: Rodrigo Prestes

Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Vanda Vasconcellos e Pe. Lauro Palú

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSV, Pe. Lauro Palú, Manoel Marques, Simone Fuss, Tulio Vasconcellos e Christina Barcellos

Secretário da APM: Edevino Panizzi

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidentes: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra

Vice Presidentes: Fernando José Rodrigues e Lucia Carvalho Coelho

Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães

Secretários: Miguel Christino e Rosane Barbin Christino

Tesoureiros: Alvaro Kilkerry Neto e Verônica de Gusmão Mannarino

Conselho Fiscal: Simone Fuss Maia da Silva, Angelo Maia da Silva, Neuza Miklos, Álvaro Barbosa de Carvalho, Fernando Freire Bloise e Francisca Eliane Saraiva Freire

Representantes dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos e André Mucci

sumário

- 2 CAPA**
Transformadores Sociais:
Marcos Palmeira
- 6 FÓRUM**
Uma nova abordagem da disciplina
- 8 PERFIL**
Inspetores: mais que profissionais, amigos
- 11 APM**
Concurso Fotográfico
Pe. Lauro Palú
- 12 ONTEM E HOJE**
- 14 COMO SE FAZ**
Os 50 anos do Golpe de 1964
- 18 AÇÃO PEDAGÓGICA**
PPP: Em busca das linhas de ação
- 22 NOTAS**

editorial

O ano era 1981. Eu tinha quinze anos, estávamos, eu e mais três amigos de colégio, no ginásio do Clube Municipal, na Tijuca. Participávamos, como espectadores, sem direito a voto, da refundação da AMES (Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas) e da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). Para ter direito de votar na eleição que escolheria os nossos representantes, precisávamos ter constituído um grêmio no nosso colégio, e ter feito eleições internas para escolher os representantes. Porém, o dono do colégio, nada afeito à democracia, ameaçou-nos de expulsão.

Foi o primeiro contato com “palavras de ordem” e bandeiras do PCB e PCdoB, partidos com forte presença entre a estudiantada. Depois disso vieram Centro Acadêmico, DCE, passeata pelas Diretas Já (Lindo!), Showmícios, e o direito de escolher meus representantes diretamente.

Sou um filho da “revolução”, da ditadura. Ditadura esta que não só nos tirou o direito ao voto, tirou-nos o direito ao debate, ao diálogo entre pensamentos, entre ideologias. Cerceou-nos no direito de cantar, de atuar, de manifestar. E o que é pior, quem se manifestava era preso. Quem cantava era preso. Quem atuava era preso. Dentre os presos, alguns não voltaram.

Cinquenta anos depois há uma geração que não sabe o que aconteceu, nossos filhos. Parabenizo o grêmio Zoé e os professores envolvidos pela iniciativa e organização do debate sobre os 50 anos do golpe cívico-militar de 1964. É no diálogo que fortalecemos a democracia.

Boa leitura!

Carlos Diniz.

Transformadores sociais

A partir desta edição, A Chama vai contar a história de ex-alunos que levaram adiante o lema do Colégio São Vicente. Ajude-nos a escolher o próximo perfilado!

Neste número, a revista A Chama inaugura uma série de reportagens sobre ex-alunos do Colégio São Vicente que levaram adiante o seu lema de educar para a transformação social. Hoje profissionais em diversas áreas, esses ex-alunos fazem a diferença por onde passam. Muitas vezes reconhecidos como vicentinos pela cidade, eles em geral têm um pensamento crítico aguçado, e em faculdades são rapidamente identificados pelos professores.

Para sua primeira matéria, a revista escolheu ninguém menos do que Marcos Palmeira, hoje, além de um ator de sucesso, um reconhecido produtor de alimentos orgânicos no Estado do Rio de Janeiro. Marcos, que estudou no colégio entre 1977 e 1982, é talvez o mais conhecido exemplo de ex-aluno que de fato se tornou um transformador social ativo.

“Ficamos felizes e orgulhosos em perceber que nosso investimento em termos de esforço está dando retorno. Quando tomamos conhecimento de atividades como a do Marcos, ficamos com vontade de investir ainda mais e ampliar as atividades com os alunos. A principal questão que pensamos aqui no Colégio é a de ajudar o aluno a se tornar protagonista de sua própria aprendizagem, trazendo suas ideias, explicitando de várias formas as suas expressões, e quando sabemos de ex-alunos que estão fazendo a diferença só podemos ficar contentes”, observa a coordenadora Nina.

Se você conhece um ex-aluno do Colégio que está se destacando como transformador social, entre em contato conosco, quem sabe ele pode ser escolhido para ter sua história contada no próximo número da revista?



Apostando na saúde e na sustentabilidade

É na Fazenda Vale das Palmeiras que o ex-aluno e ator Marcos Palmeira desempenha seu papel mais relevante na sociedade: o de produtor de alimentos orgânicos

Marcos Palmeira é mais conhecido por seus papéis em novelas da Rede Globo como *Salsa e Merengue*, *Torre de Babel* e *Porto dos Milagres*. Mas foi num ramo bem diferente de atividade que o protagonista da famosa série *Mandrake* se revelou como transformador social: na agricultura orgânica. O ator de sucesso na TV, no teatro e no cinema é também proprietário de uma bela fazenda na Região Serrana fluminense, de onde saem verduras, legumes, frutas, iogurte, queijo e mel, frescos e muito saudáveis. Trata-se da Fazenda Vale das Palmeiras, que colocou Marcos como um dos três vencedores do Greenbest, principal prêmio nacional de consumo e iniciativas sustentáveis, no ano passado.

“Com a maturidade, surgiu a necessidade de fazer algo, algo que fizesse sentido, que me conectasse novamente. Descobri a biodinâmica e por consequência a agricultura orgânica. Fui aprendendo e unindo forças com quem também acredita que é possível realizarmos algo assim, em torno de um objetivo comum, com clareza”, revela Marcos Palmeira, para quem estar em contato direto com a terra, com a vida, traz um sentimento de plenitude.



FOTOS MANOEL MARQUES

Da Fazenda Vale das Palmeiras saem legumes, verduras, frutas, queijo e mel, tudo produzido de forma ecologicamente correta.

Nascido no Rio, em 1963, desde pequeno, por influência de seu avô – o falecido advogado e deputado estadual Sinval Palmeira – o ator carioca sempre teve contato com a terra, na fazenda da família, localizada no Sul da Bahia. Em sua adolescência, Marcos Palmeira também conviveu com índios Xavantes e foi batizado por eles como Tsiwari, que significa “sem medo”. Desse intercâmbio cultural, Marcos trouxe na bagagem a percepção de coletividade e muitas outras referências, como o respeito e a integração com a natureza.

Senso crítico

Mas as influências do Colégio São Vicente, onde estudou de 1977 a 1982, também foram definidoras de seu caráter. “Guardo as melhores lembranças do colégio, meus maiores amigos eu fiz lá”, lembra. “Marcelo Sá Correa, Chico Alencar, André Valente, entre outros professores, são de certa forma responsáveis pelo que sou hoje!”, diz Marcos enfaticamente, ao responder se acredita ter levado o lema do colégio “educando para a transformação social” consigo pela vida. E perguntado de que forma o São Vicente o influenciou na busca por um mundo melhor, ele disse: “Me colocando antenado com o mundo, com senso crítico aguçado em relação à política e com professores que estimulavam nossa criatividade!”.

A produtora Vera de Paula, mãe do ator, que lecionou francês por alguns anos no Colégio, conta um pouco sobre essa influência: “O São Vicente dava muita força para as atividades culturais e as atividades extraclasse de uma forma geral. Quando a gente matriculou os filhos lá (a cineasta Betse de Paula, irmã de Marcos Palmeira, também estudou no colégio), sabia que era uma escola progressista, que dava espaço para a arte. Mas quando fui dar aula no colégio, vi que havia muito empenho nas atividades intraclasse também”.

“Era a época do Padre Almeida, um educador raro, e o colégio tinha uma equipe muito boa. Ele era a peça-chave, numa época em que o país vivia uma ditadura militar, ele soube preservar um espaço democrático na escola, com as associações de pais, os grêmios. Um aspecto que ajudou muito o Marquinhos no colégio foi o teatro. Na época, o teatro do São Vicente era coordenado pelo Almir Teles, que realizava um trabalho muito bacana com os alunos. O Marquinhos não gostava da sala de aula (“ele ficou na sétima série mais tempo do que devia”, brinca a mãe, Vera), mas adorava o teatro, e isso foi bem importante pra formação dele. Ele sempre quis ser ator e encontrou espaço para desenvolver seu talento ali”, lembra o cineasta Zelito Viana, pai de Marcos.

Acreditar nos sonhos

E por que um ator de sucesso foi se meter a produtor de orgânicos? Marcos Palmeira conta que ter um pedaço de chão para plantar era um sonho de criança. Já adulto e bem-sucedido na carreira, encontrou em 1997 uma fazenda de hortaliças em Teresópolis e decidiu investir nela todas as suas economias. Tratava-se de uma fazenda tradicional e Marcos descobriu que os próprios produtores não consumiam o que plantavam, por conta dos agrotóxicos colocados no solo. Foi a partir daí que decidiu parar tudo e procurar novas alternativas.



“Não sei se mudaremos o mundo, mas com certeza estamos oferecendo novas formas de se pensar e viver neste mundo!”

Marcos Palmeira



Mas o que é, de fato, essa fazenda na serra, que cultiva frutas, legumes e vegetais sem insumos químicos, e que produz leite e queijo de forma ecologicamente correta? Nas palavras de seu fundador, “a Fazenda Vale das Palmeiras é um experimento vivo, onde o homem, os animais, as plantas, a terra, todos estão conectados com um único objetivo: a busca por um equilíbrio real, visando promover energia para todos.”

“Tudo começa com um sonho, que vai se tornando realidade com trabalho e perseverança. A uma área devastada resolvemos trazer novamente a biodiversidade e produzir alimentos saudáveis, entendendo que cada parte de um sistema é importante e valorizando e captando o que a própria natureza nos ensina. Talvez a lição mais importante tenha sido perceber que não existe praga, e sim desequilíbrio. De toda forma, aprendemos algo novo todos os dias e nos colocamos sempre humildes diante dos novos desafios”, conta o ex-aluno do colégio.

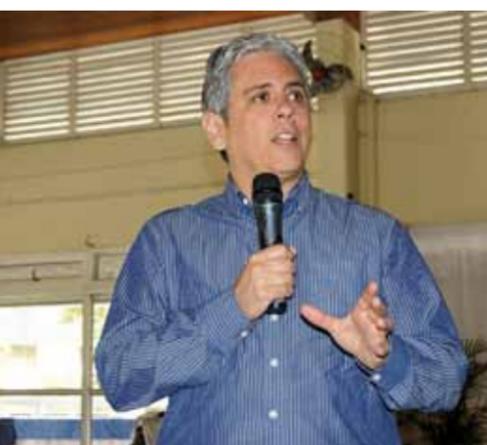
Para Marcos Palmeira, a agricultura orgânica só melhora com o tempo, já que os erros cometidos vão mostrando o caminho certo. “Passamos por várias crises, hoje temos uma fazenda que é uma realidade, onde todos respeitam a natureza, onde os animais vivem livres, com gado leiteiro orgânico (não consome antibióticos e recebe alimentação orgânica), frutas, legumes e verduras produzidos dentro de um sistema integrado e sustentável. E, ao contrário do que se pensa, gerando muita economia em insumos e fertilizantes”.

E o ator deixa uma mensagem para os alunos do São Vicente: “Não deixem de acreditar nos sonhos! Saber ouvir é sempre importante para depois podermos formular nossa própria ideia do que se ouviu. Sempre se pode mudar, sempre se pode melhorar. Não vamos nos apegar à eternidade! Sonhos viram realidade se forem compartilhados”, ensina o ex-aluno.



Uma nova abordagem da disciplina

Em palestra para professores e coordenadores do São Vicente, o especialista Joe Garcia tratou de um problema urgente, que rouba 35 dias por ano do calendário escolar



O mundo certamente se tornou mais complexo no último século, e os movimentos em prol dos direitos civis abriram o caminho para uma maior autonomia e liberdade dos indivíduos de forma inédita na história. Mas se há algo que foi perdido nas últimas décadas, certamente foi a disciplina... Ou será que foi mesmo? O que exatamente entendemos por disciplina e qual a sua função? Será disciplina meramente acatar ordens e ser punido quando se ultrapassa um limite imposto? E com que objetivo?

Foi com algumas dessas questões em pauta que o Colégio São Vicente de Paulo convidou o professor doutor Joe Garcia ao seu auditório, no dia 10 de fevereiro, para proferir uma palestra para professores e coordenadores, profissionais que enfrentam no dia a dia o desafio de lidar com a indisciplina. São jovens que simplesmente não querem entrar em sala, que não veem sentido no que aprendem e por isso conversam a aula inteira ou apenas fingem prestar atenção. Especialista no tema e autor de diversos estudos e livros sobre educação, Joe veio compartilhar uma nova forma de se abordar o tema da indisciplina.

Transgressão e punição

Historicamente, segundo ele, a indisciplina sempre foi vista como uma transgressão. Nas primeiras turmas de ensino de que se tem notícia, no Egito antigo, os alunos eram enfileirados para que os professores pudessem andar entre eles. Mas os professores não ficavam perto assim para tirar dúvidas, mas para fazer valer o seu conceito de disciplina. Havia um ditado na época, algo como “o ouvido do aluno fica nas costas” – isso porque os egípcios batiam com uma cauda de hipopótamo nas costas dos alunos para eles prestarem atenção. Resultado: eram necessários até 15 anos para se formar um escriba. Hoje, com os métodos lúdicos utilizados com crianças, é possível alfabetizar alguém em até 4 a 8 meses.



Mas o que realmente mudou em relação ao ensino e aprendizado daqueles tempos para cá? A ideia de transgressão e punição se diluiu e hoje não é forte como naqueles tempos. Ainda assim, ela está presente, e ainda molda o nosso sistema de ensino. Por essa lógica, o indivíduo indisciplinado é considerado fora de seu grupo, quase que como um criminoso, alguém que precisa ser corrigido para então voltar a poder fazer parte do grupo. É uma lógica que elimina a capacidade crítica do indivíduo, e desconsidera o processo de pensamento que o leva à indisciplina.

Outra possibilidade – mais recente – é pensar a indisciplina como uma ruptura. Mas qual a real diferença? Por essa lógica, é preciso considerar o que alguém faz no contexto em que ele o faz. Uma ruptura no contrato social da aprendizagem é o conceito aqui. Há um contrato básico numa escola, que são os pais atribuindo a responsabilidade formal da educação escolar de seus filhos aos profissionais preparados para tal. Então, os alunos têm que fazer sua parte nessa relação contratual. A indisciplina é, de acordo com essa visão, uma ruptura nesse contrato, ou seja, o que o aluno faz coloca em risco as condições de aprendizagem para si mesmo e para seu grupo.

“Se a gente chama uma família para conversar sobre o filho e diz que ele é um transgressor, então ele precisa ser punido, enquadrado. Com a segunda concepção, o modo como o seu filho está agindo está colocando em risco o aprendizado dele e de outros colegas. *A escola já está agindo, e nós te chamamos para comunicar isso e para pedir um apoio etc.* Agora eu joguei a responsabilidade para o aluno também, ele tem a escolha, e nós precisamos ver com ele porque ele faz essas escolhas. Qual é a matriz de valores que esse aluno tem e que fornece os critérios para ele agir dessa forma? Os pais, então, devem ser chamados, pois estamos observando uma matriz de valores em funcionamento que está prejudicando o próprio indivíduo e o grupo”, explica o professor.

Joe deixa claro que, por esta visão, a formação de valores é o ponto mais importante. Na visão tradicional, os alunos produzem o problema e os professores vão atrás da solução. Com a nova visão os alunos também têm a responsabilidade pela própria aprendizagem.

Respeito mútuo

De acordo com o professor, uma pesquisa internacional recente apontou que no Brasil aproximadamente 17,8% de todo o tempo de aula na educação básica é desperdiçado para se lidar com a indisciplina. Para se ter noção do tamanho do problema, isso significa 35 dias do calendário escolar ou 7 semanas corridas. São quase dois meses inteiros de trabalho jogados no lixo por ano, tempo em que se poderia aprofundar diversos conteúdos ou mesmo desenvolver novas habilidades. Se for considerada toda a educação básica, um jovem que se forma no Ensino Médio hoje perdeu, em razão da indisciplina, entre um ano e meio e dois anos e meio de aprendizado.

E isso não tem a ver com ser ou não um bom aluno, em ser ou não disciplinado. É uma média geral, o tempo que se gasta em todas as turmas e que afeta todos os alunos.

“Se pudéssemos chegar à indisciplina zero, todos ganhariam no mínimo sete semanas a mais de férias, ou sairiam do Ensino Médio falando mais uma língua estrangeira num nível médio, ou tocando violão num nível médio. São janelas de possibilidades que se fecham por conta de não sabermos lidar com a indisciplina. E hoje não é nem necessário se chegar à adolescência para que a indisciplina comece. Estamos assistindo a uma geração que tem dificuldades em obedecer regras desde muito pequena, com poucos anos de idade, e nós não estamos formando nossos profissionais para saber lidar com esse tipo de conflito, o que tem gerado um abandono imenso da profissão, especialmente nos cinco primeiros anos de trabalho”, revelou.

Para Joe, a chave para a solução da questão está no desenvolvimento de um plano de convívio com os alunos, em tornar os conteúdos mais lúdicos e abordá-los de formas inesperadas ou inovadoras de modo a captar melhor a atenção, “tornar-se visível”, estar atento aos diferentes tipos de ritmo de aprendizado de cada aluno e modificar as aulas respeitando esses ritmos, e em criar uma conexão autêntica com cada um, de modo que a autoridade seja baseada no respeito mútuo, e não na mera relação contratual. Às vezes também é preciso ver as redes de liderança dentro das turmas e se conectar com elas, para que elas por sua vez influenciem o restante do grupo. Não são poucas as posturas a se adotar, mas é possível alcançar uma grande mudança com paciência, atenção e afincos diários. E humildade para continuar aprendendo e continuar tentando. Sempre.

Mais que profissionais



Da esquerda para a direita: Gilcemar dos Santos, Gerson Lima, Valdney de Souza e Luciano Queiroz

Os inspetores Gil, Gerson, Ney e Luciano falam de seu trabalho no colégio e na relação com os alunos, sempre baseada no respeito mútuo e na confiança criada no dia a dia

O que faz a excelência de uma instituição? Mais do que qualquer coisa, alguns diriam que a grandeza daqueles que ajudam a construí-la. Depois de diversos professores, coordenadores e orientadores, a revista A Chama sentiu que era chegada a hora de homenagear outra classe de colaboradores da escola sem os quais os elos da educação vicentina estariam rompidos. Conversamos com quatro dos nossos mais antigos e queridos auxiliares de coordenação: os inspetores Luciano, Ney, Gil e Gerson.

Oficialmente no colégio desde 20 de maio de 1998, Valdney de Souza, o Ney, conta que um dia, trabalhando como garçom no Catete, esbarrou com um amigo que, ouvindo suas queixas sobre o emprego de então, lhe indicou que fizesse uma entrevista de emprego no Colégio São Vicente de Paulo. Dali em diante, os rumos de sua vida estariam para sempre ligados à instituição, e trabalhando por aqui ele construiria sua casa, compraria seu carro e formaria sua vida.

“Minha relação com o Colégio é maravilhosa, e eu tenho um grande carinho pelos alunos, e sinto que eles também têm por mim, tanto que me abraçam, conversam bastante, e algumas turmas depois que saem do Colégio ainda me chamam para fazer um churrasco”, conta Ney, que nas horas vagas trabalha como churrasqueiro.

Não é muito diferente com Gerson Lima, que entrou no mesmo ano de Valdney, mas que precisou passar dois anos fora do Colégio para depois voltar ao lugar que tanto ama. No ano de 2007, com sua casa precisando urgentemente de obras e sua condição financeira não permitindo a reforma, Gerson conversou com seus superiores e pediu para ser demitido. Com o dinheiro da demissão, ele pode estruturar sua vida, e pelos dois anos seguintes trabalhou como motorista de ônibus municipal, até voltar no final de 2008 ao Colégio para ver se haveria chances de retomar seu antigo emprego. E sim, ele foi acolhido com todo o carinho.

“Eu sempre digo a todos que eu agradeço única e exclusivamente ao São Vicente por ter hoje a minha casa do jeito que eu tenho, uma casa agradável de se morar, de se conviver com outras pessoas. Esses dois anos fora me fizeram enxergar que o mundo pode ter realidades muito diferentes, e em algumas delas as condições de trabalho são complicadas. No São Vicente eu tenho uma estabilidade e um



tratamento que aí fora não se encontra facilmente. Aqui eu sinto que somos uma grande família, e eu trato os alunos com o mesmo carinho com que eu trato meus filhos: eu ouço, dou conselhos, mas também chamo a atenção quando é preciso”, revela.

Muitas vezes, ele diz, alguns alunos têm um assunto delicado para conversar e não conseguem falar com o coordenador ou com algum padre, então eles vão a ele conversar. É uma relação que vai muito além do meramente profissional, sempre baseada no respeito mútuo e na confiança criada no dia a dia.

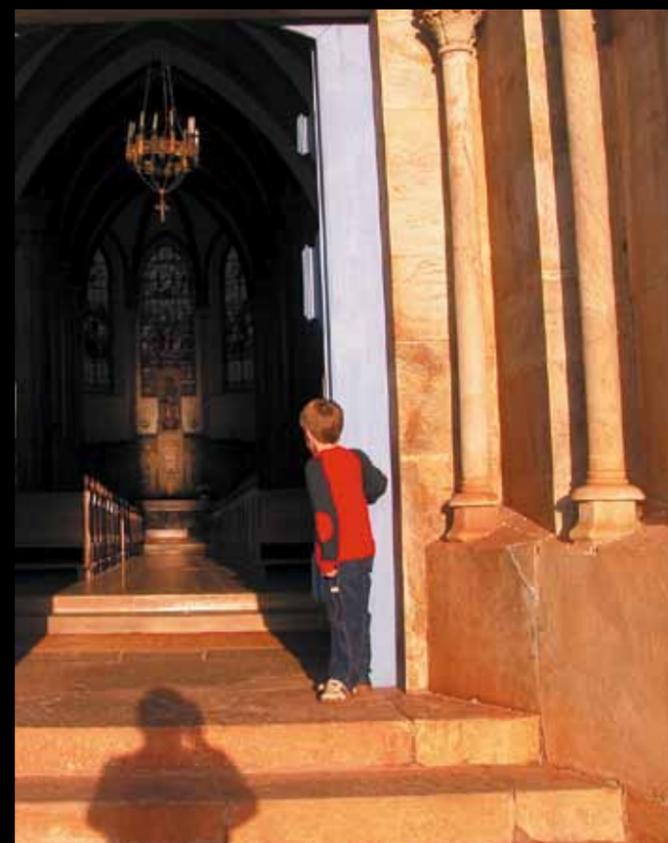
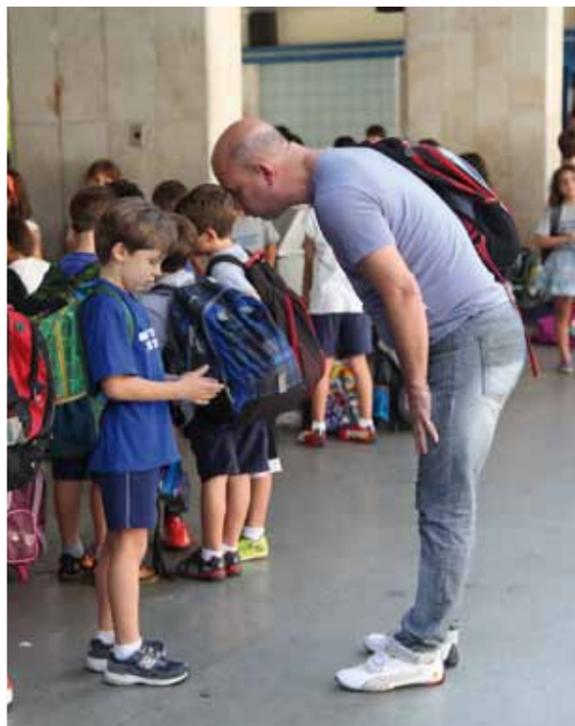
Aprendizado contínuo

O inspetor Luciano Queiroz, que começou a trabalhar na escolinha de esportes em 1997 e integrou oficialmente o quadro de funcionários do Colégio em 1999, também fala da amizade com os alunos como algo muito natural, mas que exigiu anos para ir se depurando e encontrar sua medida perfeita. É que no início ele lembra que, querendo mostrar serviço, por vezes era um pouco autoritário demais no seu trato com os estudantes, e que ao longo do tempo foi aprendendo a escutar mais, a sentir como cada momento e cada aluno são diferentes e precisam de um tratamento específico.

“Hoje lido muito melhor com eles, mais na base da amizade, que é a melhor forma de se lidar. Eles nos respeitam e às vezes só obedecem porque somos nós que estamos falando. Hoje eu vejo que é preciso pulso firme em certas situações sim, mas é conversando, sendo amigo e até confiante muitas vezes, que essa relação se transforma e se dá numa base muito diferente do que quando só agimos pela autoridade”, explica.

E essa confiança, pelo visto, pode transformar vidas. Já houve alguns casos em que alunos estavam caminhando pelo mundo das drogas e chegaram a perder amigos de fora do Colégio para elas. Mas através das conversas com alguns inspetores, eles conseguiram mudar de rumo, não abandonar os estudos como estavam inclinados a fazer e continuar lutando. Gilcemar dos Santos, o Gil – mais antigo dos inspetores entrevistados – chegou a passar por um caso assim, e se declara feliz de ter podido ajudar um aluno e poder ver que, depois de anos, ele cresceu e está bem.

“Há uma busca de um carinho, de atenção, de um cuidado por parte dos alunos que às vezes eles não encontram em casa. Alguns alunos se abrem ao ponto de contar de problemas pessoais graves como esse das drogas. E nós, que os vemos passar de um ano a outro, crescendo e se transformando, só podemos ficar contentes quando conseguimos ajudar de alguma forma”, finalizou.



A foto acima é um bom exemplo da percepção e sensibilidade apuradas do fotógrafo que dá nome ao concurso. Nela, Pe. Lauro captou o momento exato em que o sol ilumina o altar da Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, no Caraça, observado pelo menino na entrada na igreja. E ainda deixou sua marca com própria sombra registrada nela.

Concurso Fotográfico Pe. Lauro Palú

Com a ideia de resgatar os antigos concursos de fotos que por tantos anos fizeram parte da história do colégio, a Associação de Pais e Mestres está organizando o concurso *Pe. Lauro Palú*, que será realizado entre maio e outubro deste ano. O concurso será aberto a todos os estudantes do colégio de todos os turnos e séries e dividido por faixa etária. Os alunos menores de 18 anos poderão, é claro, participar, desde que devidamente autorizados pelos responsáveis.

As fotografias deverão seguir uma das três sugestões de tema: *Natureza e Arquitetura; Educação, Ciência e Tecnologia; e Vida no Colégio São Vicente de Paulo*. Os estudantes que quiserem participar devem se inscrever entre os dias 30 de maio e 15 de setembro, fazendo o cadastro e enviando suas fotos através do site do concurso, cujo link pode ser encontrado no site do colégio. Cada participante poderá enviar até três fotografias e concorrer assim a vales-presentes da Saraiva no valor de R\$ 600, R\$ 400 ou R\$ 300, que serão concedidos aos primeiro, segundo e terceiro colocados de cada categoria, respectivamente. Além desses nove prêmios, haverá um grande prêmio para o fotógrafo vencedor escolhido por júri popular: uma câmera digital Nikon Coolpix L820. Todos os dez vencedores também receberão um troféu simbólico do concurso, que, se bem aceito, poderá se tornar anual.

Os prêmios serão distribuídos na Feira de Linguagens do colégio, que ocorrerá no dia 25 de outubro, mas fique atento, pois fotos que não atendam aos critérios do concurso serão automaticamente desclassificadas. A Comissão Julgadora será composta por diversos professores do colégio, além dos membros da própria Diretoria da Associação de Pais e Mestres. E as categorias serão as seguintes: Ensino Fundamental I; Ensino Fundamental II; e Ensino Médio e EJA. Para consultar o regulamento completo do concurso e tirar qualquer dúvida, acesse o site do colégio (<http://www.csvp.g12.br/>). Inscreva-se! Você pode ser o vencedor!

***O concurso é aberto a todos os alunos.
PARTICIPE!***



ONTEM E HOJE



À esquerda, a aluna Maria Vitória vota para o Minigrêmio em 2010, atividade já exercida pelos alunos em 1963, ano da foto à direita.



Até o início dos anos 1970, não havia o prédio ao fundo que vemos na foto acima nem o ginásio tinha ainda sido construído. Com isso, os esportes eram praticados pelos alunos no pátio, hoje ocupado com atividades de lazer.



Na época da inauguração do São Vicente, na foto à esquerda, a arquitetura moderna do prédio contrastava com elementos do passado: o carro antigo, o padre de batina na calçada e a parada do lotação, que hoje não existem mais.



Para que não se repita

Passados 50 anos do golpe que instaurou a ditadura militar no Brasil, o colégio recebeu três convidados que lembraram o período e falaram de suas consequências para o país

Com as aulas suspensas e o ginásio lotado de alunos do 9º ano ao Ensino Médio, o São Vicente recebeu na manhã de terça-feira, 1º de abril, três palestrantes ilustres: os professores e ex-perseguidos políticos Daniel Aarão Reis, Nilton Bahlis dos Santos e Álvaro Caldas. Eles vieram falar dos 50 anos do golpe que, entre a noite de 31 de março e a madrugada de 1º de abril de 1964, destituiu o governo eleito democraticamente e instaurou a ditadura militar no Brasil. A mesa idealizada pelo Greco e coordenada pelo professor de História Wagner Pinto emocionou os presentes e gerou um debate acalorado, traçando um paralelo entre o atual ambiente político e o de meio século atrás.

Professor de Comunicação da PUC-Rio e atual membro da Comissão Estadual da Verdade, Álvaro Caldas contou um pouco de sua história. Sequestrado durante a ditadura pela Polícia do Exército, ele foi levado para o Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna – mais conhecido como DOI-CODI – e lá, barbaramente torturado. O professor disse acreditar ser de grande importância saber que esse tipo de coisa era comum no Brasil de então, e lembrou que o trabalho da Comissão da Verdade é exatamente o de recuperar essa história para que os crimes cometidos possam ser respondidos. “Também é importante que todos se posicionem para rever a Lei da Anistia, que anistiou ao mesmo tempo torturados e torturadores”, disse.

Daniel Aarão Reis, que falou em seguida, traçou um panorama político da sociedade nas vésperas do golpe e questionou a denominação “golpe militar”, por demais simplista, segundo ele, já que sem o apoio massivo da imprensa, de importantes lideranças políticas civis, da classe média conservadora e dos

grandes latifundiários, os militares não teriam conseguido se estabelecer no poder por tanto tempo. De acordo com Daniel, hoje professor titular de História Contemporânea na UFF, o medo das reformas de base gerou, na época, esse apoio por parte da sociedade, além disso, muitas pessoas, por não se posicionarem, terminavam por consentir com a situação vigente.

“Havia música de protesto, e nomes como Chico Buarque se destacaram nessa vertente, mas havia música que não fala mal nem bem, como a de Roberto Carlos, que encabeçou a Jovem Guarda e até hoje é considerado o “rei” da Música Popular Brasileira. Então a ditadura não foi apenas militar, foi liderada pelos militares, mas ela foi civil-militar. É preciso compreender isso para entender a veia autoritária que existe na sociedade brasileira e que se sustenta até hoje”, comentou.

Daniel também questionou a determinação do ano de 1985 para o fim da ditadura, já que o líder civil que subiu à Presidência da República então, José Sarney, foi um homem da ditadura, que sempre a apoiou. Mais uma vez ele afirmou que o marco existe apenas por se considerar a ditadura apenas militar, o que oculta a verdade, por suprimir todo o apoio das forças civis no golpe.

“A ditadura também impulsionou um processo de concentração da mídia sem paralelo. O Brasil é hoje o país democrático com a mídia mais monopolizada do mundo. O Rio de Janeiro, que na época tinha 13, 14 jornais diários, hoje tem apenas um jornal de grande porte e mais uns 3 ou 4 menores, com público reduzido. E o que os governos democráticos fizeram para desmonopolizar a mídia até hoje? Absolutamente nada. Há uma base autoritária na nossa sociedade que precisa ser combatida e transformada. Enquanto não for superada, a nossa democracia é frágil.

Não acreditem que a democracia brasileira está consolidada. Temos legados sinistros que precisam ser superados”, destacou.

O doutor e pesquisador da Fiocruz Nilton Santos, que ficou exilado e foi preso no Chile com a chegada do General Augusto Pinochet ao poder, em 1973, contou um pouco sobre sua experiência de militância política e sobre a vida na prisão – o Estádio Nacional de futebol, em Santiago, que abrigou 30 mil presos na época, e do qual foi retirado pela Cruz Vermelha Internacional. Para ele, as juventudes hoje têm o desafio de tentar superar o sistema político representativo, claramente ultrapassado, com o uso da internet e das mídias sociais.

Ao final do evento, os presentes aplaudiram continuamente por um minuto todos aqueles que lutaram contra o regime ditatorial e que sofreram as consequências de sua coragem.



Na mesa, da esquerda para a direita, os professores Wagner Pinto, do São Vicente; Álvaro Caldas, da PUC-Rio; Nilton Bahlis dos Santos, da Fiocruz; e Daniel Aarão Reis, da UFF

Por que ensinar a respeito do Golpe de 1964?

No final de fevereiro deste ano, a equipe de História do Ensino Médio do CSVP, após conversar com a Coordenação do segmento, decidiu alterar radicalmente seu plano de curso de 2014, nas 2ª e 3ª séries.

A segunda série havia acabado de entronizar o jovem D. Pedro II, em 1840, dando início ao estudo sobre o II Reinado. A terceira finalizava o trabalho com os movimentos sociais que marcaram a Primeira República no Brasil. Em ambas as séries, o planejamento foi modificado para que pudessem trabalhar com um roteiro, elaborado pelo professor de História das duas séries (no caso da 3ª, o professor de História do Brasil), que pretendia dar condições para que os alunos alcançassem uma resposta para a seguinte questão: Por que ocorreu o Golpe de 1964?

A equipe considerou que era fundamental desenvolver este tema com as duas séries nos meses de março e abril, devido à esperada cobertura por parte da imprensa, dos programas na televisão, dos documentários e a já prevista realização de palestras, seminários e mesas-redondas com historiadores, políticos e ex-militantes. Julgamos ser indispensável dotar nossos alunos de informações que lhes dessem instrumentos de análise para a melhor compreensão não só do fato ocorrido há cinquenta anos, mas também da necessidade política de trazer este assunto para o debate permanente da sociedade atual, que se deseja democrática.

Mas, afinal, qual a importância de se falar a respeito do Golpe de 1964 e da ditadura que se implantou a partir de então?

Obviamente, é imperioso passar a limpo este passado recente e conhecer, sem disfarces, os acontecimentos, as vítimas, os mandantes, os perpetradores de toda a violência de um regime fundamentado na repressão e na censura. Acompanhar e apoiar os trabalhos das Comissões da Verdade, que nos têm revelado minúcias de “como eles agiam” e desvendado crimes até hoje impunes, como o do assassinato de Rubens Paiva e o atentado no Riocentro, é papel de cada um de nós, que desejamos que essas atrocidades nunca mais se repitam.

No entanto, não é apenas nesse passado que pensamos para responder à questão formulada anteriormente.

Lemos que em 22 de março deste ano, no centro de São Paulo, ocorreu uma tentativa de reedição da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Na original, realizada em 19 de março de 1964, quase 500 mil pessoas marcharam contra o governo de João Goulart. Nesta reedição, esquelética, menos de 500 pessoas pediram uma nova intervenção militar no Brasil. Uma jovem de 17 anos, apontada pela imprensa como “musa do movimento”, defendia a “ditadura”, assim entre aspas, acompanhando a

palavra com o gesto conhecido dos dedos. Pregava a necessidade de, mais uma vez, as Forças Armadas livrarem o Brasil do “perigo vermelho”, a ameaça comunista. Entre os demais presentes na marcha, um jovem seminarista de 19 anos afirmava que “(o atual governo) faz leis, como o aborto e o casamento homoafetivo, para acabar com os valores da família, ”, por isso apoiava um novo golpe militar.

Jovens demais para ideias tão antigas...

Mas se a Marcha teve tão pouca adesão, há informações sobre inúmeros sites na internet, com milhares de participantes que advogam os mesmos ideais. Há manifestações crescentes de intolerância na sociedade. “Justiceiros” que, em bairros próximos a nossa escola, “caçam” possíveis bandidos, sobretudo entre a população de rua. Apresentadora de telejornal que elogia a atuação dessas gangs que dizem fazer justiça, “na ausência de um Estado eficiente”. Crimes de ódio, revelando os preconceitos negados na superfície, mas cultivados com um certo prazer por homofóbicos, racistas e sexistas.

É esta realidade que nos preocupa. É a necessidade de intervir neste presente que nos move na formação de “agentes de transformação social”. Sempre afirmamos que este não é apenas um slogan, um lema para a propaganda de nossa escola. É uma visão de mundo, uma escolha consciente do caminho que a educação deve seguir.

Estudar sobre a ditadura militar é, assim, reafirmar o nosso compromisso com a liberdade, com a defesa dos direitos humanos, com a justiça social. Falar sobre os cinquenta anos do golpe e dos fatores que levaram à sua eclosão manifesta a nossa convicção de que somente a atuação firme de cidadãos conscientes, autônomos e responsáveis garante a manutenção da democracia, essa nossa frágil democracia que tanto precisa avançar. É para a construção desta democracia mais ampla, da utopia de uma sociedade mais justa, solidária e igual que trabalhamos com nossos alunos

Prof. Wagner Pinto

50 anos

Quando houve o golpe em 1964, com promessa de pôr as coisas em seus lugares e de volta à democracia, fomos forçados a conviver com cassações de direitos políticos, desaparecimentos de pessoas, torturas, censura nos meios de comunicação, adesões injustificáveis a medidas de exceção totalmente descabidas, infinitas coisas que nos preocupavam, ao lado de medidas que pareciam justificar-se, dada a situação, como para sanar a economia. Algo que todos estranhemos era não poder votar para Governadores e Presidente, que tinham sido os personagens fundamentais no que produziu o golpe de 1964.

Com a continuidade do processo e o endurecimento ditatorial, as coisas que violentavam as consciências individuais e destruíam a própria noção de cidadania, liberdade e dignidade humana, com o acirramento dos ânimos, nem tudo era claro, pois as forças em luta contrastavam cada vez mais seu discurso, coerente com sua prática, para justificar o que cada um fazia ou pensava que devia fazer.



Em 1968, religiosos de diversas congregações participaram da Passeata dos Cem Mil, contra a ditadura. Ao alto, segundo da esquerda para a direita, Padre Almeida, então diretor do Colégio São Vicente.

Então, nossa Província Brasileira da Congregação da Missão viveu dias difíceis, pelo fechamento de várias obras significativas, até centenárias, como os seminários de Mariana, às vezes importantes pelo que se desejava fazer, atendendo às orientações recentes do II Concílio do Vaticano. Assim, saímos ou “fomos saídos” dos seminários maiores e menores de Mariana, Fortaleza, Diamantina, Brasília, e do menor de Assis, e o incêndio do Caraça acabou com nossa Escola Apostólica, nosso seminário menor, seguindo-se logo o fechamento do Escolasticado de Petrópolis, com a transferência dos Estudantes para Belo Horizonte, uma experiência que durou pouco, bastante prejudicada pelas circunstâncias pessoais e históricas do momento, dos formadores e alunos envolvidos.

Particpei como formador, nas crises que terminaram nos fechamentos do Maior de Mariana e de Petrópolis. Depois fui me especializar na formação do Clero, no curso Christus Sacerdos, em São Leopoldo (1968). Em contato com outras Congregações e Padres diocesanos, com os cursos de cristologia, eclesiologia, pastoral, moral, sociologia e psicologia, especialmente com a psicanálise individual e grupal, senti vivamente que, para formar o Clero, como fizéramos desde 1820, no Brasil, era preciso renovar-nos muito e assumir a modernidade como pensamento, organização, diversidade de opções, linha de formação etc.

Isto nunca foi fácil para ninguém e nenhuma instituição. A Província amargou, vários anos, uma falta de definição dos rumos que tomaria. Para o Caraça, depois do incêndio, definiu-se a continuidade como centro de peregrinação, cultura e turismo. Para os Seminários seria preciso ir além da letra dos decretos do Vaticano II e intuir (o que era absolutamente impossível) os rumos que as coisas tomariam, na Igreja, no ocidente, no oriente, no mundo árabe, na economia, com a perestroika e a glasnost de Gorbachev na Rússia, o desmantelamento do império soviético, a força de João Paulo II, a globalização, o fim da guerra fria, etc.

A menção destes dados mostra que ainda há muito que estudar e analisar, para avaliar o que foram os anos em que aconteceu o golpe de 1964 no Brasil.

Caraça, 16-4-2014

Pe. Lauro Palú, C. M.

Em busca das linhas de ação



Em mais uma etapa do processo de atualização do Projeto Político-Pedagógico, novos grupos se formam para definir as estratégias a seguir

O dia 12 de abril de 2014 marcou o início de mais uma etapa no processo de atualização do Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo. Depois dos trabalhos iniciais feitos pelos cinco grupos então constituídos — **Ciência e Tecnologia; O Mundo do Trabalho; Educação; Relações Sociais;** e **Cultura e Transcendência** (que podem ser lidos na íntegra no site do colégio) – chegou o momento de novos grupos se formarem para indicar as linhas de ação que efetivamente servirão de guia para as estratégias propostas dentro da instituição.

Depois de repensar o papel do Colégio no mundo atual e o tipo de ser humano e sociedade que ele quer ajudar a formar, os grupos se organizaram para pensar como concretizar esses ideais. O grupo de **Construção do Conhecimento e Escolaridade** foi criado para pensar o processo educativo em si, levando em conta aspectos como o acesso à informação, a abordagem integradora das diversas áreas do conhecimento e os valores éticos na construção desse conhecimento. Textos como *A escola e o conhecimento*, de Mario Sergio Cortella, e *A escola tem futuro?*, de Marisa Vorraber Costa, servirão de base para essa reflexão.

O segundo grupo constituído foi denominado **Currículo e Seus Aparatos** (Metodologias e Avaliação no Rendimento Escolar). Os integrantes deste grupo vão pensar as responsabilidades sociais do currículo, as diferentes metodologias que favorecem a aprendizagem, a criatividade e a partilha de responsabilidades, através do diálogo permanente. Para balizar e inspirar seu trabalho, também foram escolhidos alguns textos, dos quais se destacam *Documentos de identidade*, de Tomás Tadeu da Silva, e *Aprender... sim, mas como?*, de Philippe Meirieu.

Mas como uma escola não vive apenas de currículo e conhecimento, o terceiro grupo formado vai pensar aspectos relativos ao envolvimento da comunidade educativa, ao clima institucional, aos princípios que orientarão a disciplina, as normas e os comportamentos dentro do Colégio. Com textos-base como *Por uma educação romântica*, de Rubem Alves, e *A formação social da mente*, de Lev Vigotsky, este grupo foi intitulado **Relações Pessoais e Grupais**.

O quarto grupo foi denominado **Compromisso com o Projeto e Formação Continuada** e o quinto **Organização e Estrutura**. Eles terão como textos-base os clássicos de Paulo Freire *Pedagogia da autonomia* e *Pedagogia do oprimido*, respectivamente. O primeiro destes grupos deverá levantar questões como a importância da competência, em lugar da competição, a humildade diante do outro e do conhecimento e a atualização profissional e cultural em consonância com os valores

vicentinos. Já o segundo revisará as práticas e condições de trabalho que ajudem a denunciar estruturas sociais injustas, opressoras e depredadoras, reforçando o trabalho integrado e integrador, em favor dos pobres, da vida e da libertação, valorizando e reconhecendo todos os profissionais da escola.

Os documentos finais destes grupos deverão ser entregues até o dia 8 de agosto deste ano e servirão de base para a tomada de estratégias no Colégio já para o ano de 2015.

Ao final da reunião, os novos grupos iniciaram seus trabalhos separadamente. Pe. Agnaldo insistiu na importância da participação de todos, lembrando que sem o apoio da comunidade esse trabalho não pode ser feito.

“Temos nos esforçado para criar condições para que toda a comunidade possa participar, fazendo assembleias variadas, reuniões em dias de semana e aos sábados para ver se conseguimos uma adesão cada vez maior, já que esse trabalho tem que ser fruto de uma construção coletiva e comunitária, de forma democrática, como é tradição do Colégio”, disse ele. “Mesmo com a autonomia dos professores e profissionais, há orientações que são institucionais, e que guiam a prática educativa no colégio e dão um rosto ao São Vicente. É com o apoio de toda a comunidade que esse rosto está sendo delineado.”



No primeiro momento, alunos do 9º ano e das 1ª e 2ª séries do Ensino Médio foram convidados a participar da reescrita do Projeto Político-Pedagógico do colégio, primeiramente reunidos no auditório para ouvir a apresentação dos trabalhos realizados no ano anterior. Em seguida, dividiram-se em grupos, nas salas, para planejar o trabalho de um dos cinco temas por eles escolhidos. Ao final, retornaram ao auditório, trazendo para o plenário suas conclusões e sugestões. Cada turma teve a mediação de um professor, que também participou do debate final.

Trechos do documento elaborado pelos grupos e apresentado no dia da reunião

O Colégio São Vicente de Paulo tem por finalidade última cuidar da preservação do humano nos alunos que educa, na escola que faz acontecer, na sociedade que sonha e na vida do mundo que quer ver transformado. Para tanto, compreende como sua Missão Institucional a de Formar Agentes de Transformação Social.

O Colégio São Vicente de Paulo acredita que deve colaborar, através da educação escolar, para a formação de um ser humano com as seguintes características:

- Um ser humano por inteiro, em suas múltiplas dimensões;
- Em sua diversidade cultural;
- Em sua capacidade de se diferenciar em relação aos outros;
- Capaz de descobrir a alteridade que possibilita pensar a diferença;
- Que vive num processo de permanente construção de si mesmo e do mundo;
- Crítico, para gerir ideias criativas e complementares ao conteúdo conhecido e latente, para quebrar paradigmas e produzir conhecimentos agregadores e geradores de vida;
- Que tem como meta a simplicidade, ou seja, procura sempre ir em direção à verdade, ao mais simples, ao mais justo;
- Capaz de respeitar, conviver e valorizar as diferenças sociais, econômicas, étnicas, culturais e religiosas.

Com um Sujeito formado nesse horizonte utópico, o Colégio São Vicente de Paulo compreende-se participando da construção de uma Sociedade

- Atenta às causas da desigualdade social e à má distribuição dos bens no mundo;
- Que exercita e vive a liberdade;
- Que organiza seus múltiplos serviços em favor da transformação pessoal (interior), comunitária e social, assumindo a visão crítica, solidária, cuidadosa para com as realidades dos empobrecidos, marginalizados e excluídos;
- Ecologicamente sustentável, mais humana, integrada e viável;

- Que supera o autoritarismo e o domínio destruidor.

Para a formação desse Sujeito e a construção dessa Sociedade, o Colégio São Vicente de Paulo buscará praticar uma Educação crítica, libertadora, transformadora, contextualizada, inclusiva, ecológica, multicultural, assim detalhada:

- Uma educação em que o aluno seja “sujeito de seu processo de aprendizagem”;
- Antenada com as formas de vida da contemporaneidade;
- Buscando dar ênfase ao desenvolvimento de habilidades e valores;
- Ocupada em desenvolver a autonomia, o aprender a se organizar, uma das molas mestras da pedagogia da libertação;
- Que promove o desenvolvimento mútuo no convívio das diferenças

Essa Educação caracteriza a Escola como lugar

- Da organização do conhecimento e da estruturação dos diversos saberes;
- Que prepara os alunos para a produção de suas expressões: o texto, a fala, o corpo, sob um olhar crítico de recusa à manipulação das mídias, à discriminação do diferente, à violência, ao discurso hegemônico;
- Que oferece oportunidades para os alunos construir suas próprias formas de organização e se articularem com outros grupos, na escola, no bairro, na cidade e no país, para a participação nas lutas dos demais estudantes e dos cidadãos trabalhadores;
- Que problematiza as diferenças e desigualdades;
- Que ajuda a discernir entre temas e atitudes que devem ser mantidos e/ou estimulados e os que devem ser superados e/ou transformados nas ações pedagógicas que desenvolver, pois integra e sintetiza diferentes informações e valores;
- Onde os educadores são estimulados a desenvolver o que há de melhor no próprio potencial e no potencial dos estudantes que se responsabilizaram em formar.



Pe. Agnaldo, ao alto, e Pe. Maurício, acima, discursando nas assembleias de atualização do PPP.

A “Carta Magna” da Escola

Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

O Projeto Político-Pedagógico, como sabemos, é o documento de maior abrangência e importância da Escola, sua “Carta Magna”, sua Lei Maior, sendo constitutivo e não apenas descritivo ou constativo. Nele se explicitam a identidade, a finalidade ou a razão de ser própria da Escola entre as escolas e se estabelecem a forma de organização, os princípios e orientações para o trabalho nos diversos níveis, aspectos e setores. É histórico e flexível, mas não é algo que possa ser relativizado, facilmente descartado ou inconsequentemente reformado. Deve orientar a elaboração dos demais projetos e todas as ações, do porteiro ao diretor, passando pelas salas de aula, pelas atividades extraclasses, pelos setores e departamentos, influenciando na tomada de posições, nos valores cultivados e nas práticas, gerando uma cultura.

Avançamos na concretização deste projeto, que desejamos ver concluído até o final deste ano. A primeira etapa do processo, o VER, foi concluída com a plenária do dia 8 de junho de 2013. Formamos cinco grupos temáticos e os seus membros se empenharam em fazer uma leitura da realidade atual, visando a mais completa abordagem possível da realidade, em seus diversos aspectos: econômico, político, social, espiritual, educacional etc. No dia 9 de novembro realizamos a plenária da segunda etapa deste processo, o JULGAR. Nesta etapa, desafiadora para todos os grupos, procuramos refletir sobre os elementos antropológicos, filosóficos, sociológicos, pedagógicos, eclesiológicos e vicentinos sobre os quais estão alicerçados os ideais e práticas desenvolvidas no CSVP. Destaco como de grande importância o esforço que vem sendo desenvolvido para que se conheçam e assimilem cada vez mais, numa perspectiva pedagógica, as virtudes vicentinas da Humildade, Simplicidade, Mansidão, Mortificação e Zelo, que, no pensamento de São Vicente, devem ser “como as faculdades da alma de toda a Congregação e por elas sejam sempre animadas todas as nossas ações” (Regras Comuns II, 14), e que deveriam ser consideradas como as cinco limpidíssimas pedras de Davi, com as quais em nome do Senhor dos Exércitos venceremos o infernal Golias, ferido logo ao primeiro tiro (RC XII,12).

Resta-nos ainda um longo caminho a ser percorrido. Na terceira etapa deste Projeto, tendo como fundamentação todo o trabalho já desenvolvido, refletiremos sobre a forma como deveremos AGIR em todos os setores, as instâncias e as práticas, procurando ser o mais coerentes possível com os ideais propostos e assumidos pelo Colégio São Vicente na formação de Agentes de Transformação Social. Abrimo-nos a dialogar com a Comunidade Educadora sobre o projeto que a Província Brasileira da Congregação da Missão, mantenedora do CSVP, segundo o carisma do fundador, é chamada a desenvolver por carisma. Insistimos que é de fundamental importância a participação de todos e não só de alguns dos diversos setores. É preciso que os muitos pontos de vista, as variadas vozes, os diferentes saberes e as múltiplas culturas que constituem o Colégio possam continuar dialogando na produção desse Projeto Político-Pedagógico.

Aniversário do Colégio

O Colégio São Vicente completou 55 anos de vida no dia 30 de março. Ao longo da semana do dia 24 de março foram feitas comemorações com todos os anos e turmas do Colégio, e no sábado dia 29 diversos membros da comunidade vicentina mostraram seus talentos numa festa com muita música, que reuniu a todos no ginásio do São Vicente. Os professores de química Ulisses e Isabela pegaram tamborim e pandeiro, respectivamente, enquanto o professor de literatura Rogério ficou com a percussão. Zeduh, de religião, Débora, de música e Sandra, da zeladoria, cantaram para todos, enquanto José, também de música, assumiu o teclado. O grupo Água de Moringa também participou da festa, e o professor Léo, também de música, fez mímica para todos. Houve também um momento de reflexão, com a leitura do evangelho e de mensagens, e os pais de alunos novos foram acolhidos.



Os 55 anos do colégio foram comemorados durante uma semana inteira. Ao lado, Pe. Agnaldo corta o bolo de aniversário cercado de alunos; no alto, professores se apresentam na festa realizada no sábado, 29 de março. E acima, alunos vestidos com camisetas coloridas formam as iniciais do Colégio São Vicente de Paulo.



Encontro de Formandos 2013

No dia 10 de maio a Associação de Pais e Mestres promoveu seu tradicional encontro dos formandos do ano anterior, com muita música, comida e diversão. O objetivo do encontro, como sempre, foi o de manter o vínculo com os ex-alunos, procurando mostrar que apesar de já terem deixado o São Vicente, o Colégio será sempre uma segunda casa para todos. Com as mesas de pingue-pongue formando um pequeno palco, e com a presença de professores e inspetores que por tantos anos fizeram parte da vida desses ex-alunos, 65 dos 94 formandos de 2013 participaram da festa e inauguraram a placa da cápsula do tempo no jardim do colégio, onde há um ano colocaram fotos e mensagens pessoais para serem reveladas no ano de 2023.



Sarau

Depois de uma grande luta, a turma do Greco Zoé, o grêmio dos alunos do 9º no Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, conseguiu finalmente trazer o Sarau do Colégio São Vicente a seu formato original: dentro do próprio Colégio, com direito a muita música, poesia, dança e performances teatrais! Para os alunos do São Vicente a entrada foi gratuita, e visitantes pagaram cinco reais para participar da festa. As bandas Invista, Bons a Bessa, Ritalines, INOX, Caos, As Ninfetas, Dog's Face e Os Cara Velhos fizeram algumas das apresentações nas seis horas inteiras de sarau, que aconteceu no sábado, dia 3 de maio. Com um repertório que passou pelo samba e pela bossa nova até rocks mais pesados e músicas de protesto, o sarau se consagrou como um verdadeiro sucesso, revelando talentos e deixando sua marca nos que dele participaram.

“Há alguns anos o sarau vinha sendo feito fora do colégio, e desde o ano passado nós começamos a conversar com a Direção para pedir para ele voltar a seu formato original, porque achamos que o clima de um sarau dentro do São Vicente é muito melhor, sem falar que é muito mais seguro. No fim acabamos fazendo um sarau que as pessoas adoraram, e vieram mais de 400 pessoas, quase metade de ex-alunos ou alunos de outros colégios. Tivemos também apresentações de várias bandas de fora e esperamos que nos próximos anos esse formato se mantenha e volte a ser conhecido como era antigamente”, disse Fernanda Herdeiro, uma das diretoras do Greco Zoé.

Que seja o primeiro de muitos no velho estilo dos famosos saraus que marcaram uma geração!



Alunos, ex-alunos e convidados do colégio se apresentam no Sarau. O repertório incluiu diversos estilos como rock clássico e progressivo, MPB, bossa nova e samba.



Romeu e Julieta

No dia 4 de abril, o 8º ano assistiu à premiada apresentação do clássico de William Shakespeare encenada pelo grupo Teatro de Roda. Vencedor do Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2006, a montagem especialmente voltada para a juventude aborda questões como o amor e a violência numa linguagem contemporânea que mistura diálogos coloquiais com a grandiloquência própria da peça. O grupo veio ao Colégio graças ao pedido da professora de literatura Muna Omran, que tem trabalhado autores da literatura mundial. O drama é passado na cidade do Rio de Janeiro, com seus diferentes grupos sociais, e o rap e o hip hop são utilizados para dar um dinamismo novo à peça e aproximá-la das novas gerações.

Passeio de integração

A cada ano o São Vicente organiza diferentes passeios com o objetivo de integrar os alunos de uma determinada série. Este ano, no dia 29 de março, foi a vez do 9º ano ir para a orla da Lagoa de Araruama para participar de diversas dinâmicas e atividades de lazer. Piscina, bambolê, futebol misto, jogos cantados, banho e caminhada na lagoa, além de brincadeiras como “polícia e ladrão” fizeram a alegria de cerca de setenta alunos que dispuseram seu sábado para a viagem. Os professores Crisitano, de religião, e Almir, de matemática, se uniram à orientadora Maria Clara e ao inspetor Luciano para acompanhar o encontro, que foi recheado de desenhos, música, colagens, reflexões e até uma oração em conjunto.



Bazar do Dia das Mães

Este ano, o tradicional Bazar do Dia das Mães, organizado pela Associação das Voluntárias da Caridade de São Vicente de Paulo, foi realizado dia 11 de maio e, aproveitando a proximidade da Copa do Mundo, pôs à venda diversas peças, feitas pelas próprias voluntárias, nas cores verde e amarela e com motivos do campeonato de futebol. O dinheiro arrecadado ajuda a manter mais de 30 famílias das comunidades próximas ao colégio. A Associação de Pais e Mestres também apoia e financia o projeto.



Rede E-Solidário

A Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo convida a todos a conhecer a rede social **E-Solidário**, que visa aproximar possíveis doadores e voluntários a projetos sociais já existentes. A rede nasceu em 2010 a partir da constatação do analista de sistemas Gustavo Dutra e da psicóloga Karina Ribeiro de que muitas pessoas gostariam de ajudar instituições sociais, mas não sabem como nem têm tempo sobrando para ficar pesquisando sobre as diferentes instituições e suas áreas de atuação.

A **Rede E-Solidário** não tem fins lucrativos nem cobra de qualquer maneira pela participação de doadores ou instituições. No site da rede você poderá conhecer diferentes projetos sociais e se informar sobre como ajudar. Você também pode fazer doações para o projeto de sua escolha e participar de uma visita mensal a cada um dos projetos cadastrados, caso queira conhecer pessoalmente uma instituição antes de fazer sua doação. **Entre no site e conheça!**

Conectando necessidades a oportunidades através de pessoas solidárias.

 **e-solidário**
www.e-solidário.com.br

Concurso Fotográfico Pe. Lauro Palú

3 Categorias

Vida no Colégio São Vicente,
Natureza e Arquitetura,
Educação, Ciência e Tecnologia

3 Prêmios para cada categoria

Vales-presentes da Saraiva:
R\$ 600, R\$ 400, R\$ 300

Prêmio do Júri Popular

Uma câmera digital Nikon Coolpix L820

Inscrições no site do colégio

de 30 de maio a 15 de setembro de 2014

Venha resgatar esta tradição do
Colégio com a gente, você pode
ser o vencedor!



Organizado pela
Associação de
Pais e Mestres



**COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO**